

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 4.

FEVEREIRO 15.

1856.

ARCHITECTURA CHRISTAN.

La religion chrétienne, dès qu'elle put produire son culte en public, demanda des temples bien différens de tous ceux qui le paganisme avait élevés.

Leroux e Reynaud—Encycl. Nouvell., art. templ.

I.

PERSEGUIDOS outr'ora os primitivos christãos, e perseguidos em guerra d'exterminio pela ira desinfrada dos cesares que os odiavam, levaram os fervor sacrosancto desses neophytos do Christo pelas suas crenças cordiaes — fervor incarnado mysteriosamente no instincto sagrado da conservação — a então buscarem para si um mesquinho asylo, um escasso refugio da existencia, nos subterraneos memoraveis das catacumbas de Roma. — E a si sós entregues alli em tudo e por tudo, circulados sempre de toda a parte pelos numerosos cadaveres de seus coirmãos, no meio da natural solidão tenebrosa d'essas immensas galerias incruzilhadas, onde só apenas nessas horas d'então — alimentada pela luz da mutua charidade — lhes era a elles alumada a doce esperanza da vida futura pela alampada viva da fé; alli nas catacumbas solitarias e sombrias, de novo o repetimos, é que de feito então os primitivos christãos, com a convicção a mais intima e a mais profunda do nada deste mundo, viveram por vezes a mais amargurada vida, durante essas eras calamitosas das 10 terriveis perseguições geraes contra a igreja: — perseguições sanguisedentas d'exterminio feroz, as quaes ao principio fizera Nero atear em seu imperio pelo anno 64, ateando-as ao

depois Domiciano pelo anno 92; Trajano e Hadriano pelo anno 100; Marco Aurelio com Antonino e Commodo pelo anno 163; Severo pelo anno 202; Maximino pelo anno 235; Decio pelo anno 250 com Gallo e Volusiano pelo anno 254; Valeriano e Gallieno pelo anno 257; Aureliano pelo anno 272; e Diocleciano e Maximiano pelo anno 300, com Maximino e Maxencio pelo anno 304: — eixos gigantes todos estes, da esphera da mais atroz crueldade, a qual então no mais arrebatado gyro tocára o ponto mais culminante da tyrannia!!! — E alli então nas catacumbas, em completo abandono da vida positiva deste mundo, com as paixões esboroadas de todo ante a acção continua da virtude, alli intoavam com timidez os neophytos do Christo os seus canticos mysticos da religião: — timidez que de continuo lhes sobresaltava o coração, balouçando-se apavorada d'entre os sarcophagos dos seus martyres, atravez das lousas que lhes cobriam as ossadas a milhares, e que lhes fazia então incarnar nas practicas do seu culto uma marcha grave e melancolica, uma forma affectuosa e sentimental, uma expressão pathetica e magestosa, um colorido sublime e mysterioso, como a mesma religião do Crucificado! — E d'ahi vem que os nossos templos primitivos, com a sua architectura inspirada e dictada por semelhantes ideas, necessariamente se deviam resentir, como é que de feito se resentiram, da gravidade melancolica da crença que os edificava; pois que as formas solennes architectonicas, ou cinzeladas na pedra ou esculpturadas na madeira, essas são de feito os caracteres symbolicos do pensar d'um povo, o alfabeto silencioso do seu viver e do seu crer, do seu sentir e do seu pensar!!!

II.

A architectura, com effeito, semelhante ás balizas do viajante nas serranías sem caminhos nem atalhos, é a verdadeira bussola que nortêa a rota das ideas da sua epocha, é o pharol da maior ou menor civilisação da sua idade.

As columnas e a empena, consideradas na sua essencia fundamental, são a expressão pura e singella da primitiva cabana; a construcção oriental tem na sua simplicidade o caracter da tenda primitiva: mas que progressão, todavia, que progressão indefinida — e quasi até mesmo indefinivel — não observa o nosso exame desde a cabana aos pagodes immensos da Asia, desde a tenda ao parthenon d'Athenas, desde a pedra do druida ao pantheon de Roma ou de Pariz, desde as catacumbas de S. Sebastião á magnificencia da nossa igreja da Batalha, á mesquita de Sancta Sophia em Constantinopla, á cathedral de Sevilha na Hispanha, ao templo de Sancta Maria das Flores em Florença, á igreja de Nossa Senhora em Pariz, ao templo de S. Paulo em Londres, á igreja do Krenlin em Moscow, ao templo de Sancto Isaac em S. Petersburgo, á basilica de S. Pedro em Roma? — Que differenças, que differenças enormes no pensamento architectonico dos templos da religião do martyr do Golgotha, e os templos das religiões polytheisticas desses outros grandes templos de Denderah e Poesto, do da Paz e da Fortuna em Roma, do da Concordia em Agrigentum, e do de Jupiter na arruinada Pompeia?!!!!

Oh! para quem não sabe ver e crer, para quem não sabe aspirar e não sabe reconcentrar-se no bello das fórmas, para quem a esthetica é só uma palavra e nada mais — á maneira dos nominalistas da philosophia antiga — oh! para esses, para esses que olhão a architectura como um verbo sem incarnação, passa-lhes a elles a vida neste mundo da terra, á similhança do viajante perdido no fundo d'uma mina sem luz, o qual erra de galeria em galeria, a caminhar e descaminhar no mesmo espaço, e rola por fim de precipicio em precipicio, no meio dos esforços ape-

nas materiaes do esbogarhar dos olhos á cata d'um atomo de claridade, fazendo-os como que saltar fora das orbitas em mil movimentos desordenados, e só para apenas sahir por um instante, das trevas intensas em que nesses momentos lhe vagava a vida!!! — Para aquelle, porem, para aquelle que vê e crê, para o que sabe soletrar nas formas indefinidas da sciencia augusta do bello, para esse nada ha de certo mais grato, mais angusto, mais magestoso, mais sublime, mais mysterioso, do que é esse grandioso involtorio esthetico dos templos christãos, dessas epopêas silenciosas de granito e marmore, nas quaes a nossa alma se arroba e maravilha absorva, a travez de suas multiplicadas estrophes de cantos mudos!!

E' que a nossa architectura christan, essa architectura chamada gothica em geral, essa architectura filha da lombarda, como a lombarda é filha da bysantina, é uma architectura que se eleva no todo e na parte, e no perimetro e no estylo, ao grande e ao colossal, e á extenção e á intenção, ao sancta sanctorum da perfectibilidade! — E' que as suas formas architectonicas, filhas puras da cabeça e do coração, são os caracteres symbolicos do livro pathetico das nossas crenças da alma e do peito, escriptas ao cinzel em caracteres de pedra, que nos apontam da terra para o Ceo, do mundo para Deus!!

Alli, alli n'aquellas phrases da arte, é que nós aprendemos a ler em silencio sublimado, que a vida dos verdadeiros crentes é uma vida que não pára nas barreiras da morte, mas uma vida que atravessa os umbraes do tumulo, para se prolongar indefinidamente na eternidade! Vida toda de fé, porque vê e crê! toda d'esperança porque se apoia na reconpença; toda de charidade, porque fraternisa com seus coirmãos! — Vida de beatificação mysteriosa! — Vida que é vida de contricção, por que se especa na emenda; e vida d'uncção sacro-santa, porque a travez dos abysmos do infinito, tam insondaveis como o mysterio mesmo, ella se remonta toda para o Ceo, para a mansão celestial dos justos!!!

J. J. da Silva Pereira-Caldas
(Continúa)

BRAGA.

APONTAMENTO HISTORICO.

(Conclusão.)

Jozé dos Anjos, loyo, escreveu — *Sermão do Auto de fé.* — *Sermão nas exequias do Arcebispo de Braga.*

Joze do Desterro, escreveu — *Offícios da Ordem Benedictina.*

Joze do Espirito Santo, carmelita, escreveu — *Cadena Mystica Carmelitana.* — *Colationes spirituales, et questiones Mysticas.* — *Theologia Mystica*, e um livro de versos.

Padre Joze Leite da Costa, escreveu — *Desempenho festivo ou triumphal.*

Luiz Pereira de Castro, embaixador a varias cortes, escreveu — *Regimento do Tribunal da Bulla.* — e varias poesias que andam na Ullysea de seu irmão G. P. C.

Manoel Joze Correa d'Alvarenga, escreveu — *Braga triumphante.* — *Relação dos estragos que fez uma tempestade em Coimbra.*

Paulo Gomes da Silva Barboza, capitão d'infanteria, escreveu — *Dezafios para os meninos da escola de grammatica.*

Pedro Ribeiro do Lago, lente da universidade, escreveu — *De postillis de Direito Canonico.*

Rodrigo Joze de Farla, escreveu — *Lizardo e Florisbella, novella* — *Lyra d'Apollo.* — *Nova conquista do Velocino.* — *A ventura d'um engano.*

Sebastião de Novaes, jezuita, escreveu — *Lilium inter spinas.*

Sebastião Sarmiento, escreveu — *O triumpho da Ressurreição de Christo.*

Avito, morto em 440, escreveu — *De inventione reliquiarum S. Stephani, Nicomedi et Gamallelis.*

Braz de Barros, morto em 1559, monge de S. Jeronimo e primeiro bispo de Leiria, escreveu — *Constituições do Bispado de Leiria.* — *Espelho de Perfeição* e muitos outros livros.

* Antonio Bravo, franciscano, morto em 1528, escreveu — *Dos milagres de S. Paio.*

* Balthazar Dias, jezuita, morto em 1518, escreveu — *Diario da viagem d'Evora à Terra Santa.*

Frei Mancio da Cruz, morto em 1621, escreveu — *Espelho espirital de noviços.*

* Thomaz do Socorro, Geral de S. Bento, morto em 1642, escreveu — *Regra de S. Bento.* — *Constituições da Congregação Benedictina.*

Padre Antonio Alves de Moura, morto

em 1646, escreveu — *Examen Theologicae Moralis*; henve 14 edições desta obra.

Frei Filippe da Rocha, morto em 1669, escreveu — *Concionês.*

Padre João da Madre de Deus, morto em 1674, escreveu — *Exercicio quotidiano.*

Ignacio da Graça, monge de S. Bento, morreu em 1977, escreveu — *Apologia Paralyranetica.* — *Epitome Politico.* — *Vida de S. Geraldo* — *Tratado sobre a Primazia de Braga*, e deixou mais livros em manuscrito.

Valerio Pinto de Sá, nascido em 1681 escreveu — *Nobiliario das familias bracarenses.*

Jeronimo de S. Paulo, loyo, morto em 1697, escreveu — *Exequias do Principe D. Theodozio.*

Padre João Alvares, morto em 1700, escreveu — *Nobiliario Portuguez.* — *Nobiliario d'algumas familias Castelhanas.* — *Tratado das armas das familias de Portugal, de Castella e de Italia.*

Jesé Vaz Freire, morto em 1705, escreveu — *Pratica Delegationum.* — *Practica Civil.*

Manoel Barros da Costa, morto em 1720, escreveu — *Summa dos reservados de Braga.*

Custodio João, morto em 1730, escreveu um livro de poesias.

Padre Baptista Rabello, morto em 1733, escreveu — *Resumo Theologia Mystica.* — *Despertador quotidiano.*

Diogo Berjes Pacheco, morto em 1775, escreveu — *Triumpho do Amor divino.* — *Memorial do S. S. Sacramento.* — *Espelho de um peccador.*

Antonio Machado d'Azevedo, morto em 1733, escreveu — *Familias antigas Bracarenses*, e outros manuscriptos.

Antonio Machado d'Azevedo, morto em 1733, escreveu — *Familias antigas bracarenses*, e outros manuscriptos.

Bento Barbosa de Brito, morto em 1739, escreveu — *Ilustrações e addições ao Nobiliario do Abbade de Esmeriz.*

Padre Matheus Homem Leitão, deputado da Inquizição d'Evora, escreveu — *De Jure Lusitano.* — *Consciencia vera.*

D. Ignacia Xavier, morta em 1647, escreveu — *Arte de bem fallar.* — *Antiguidades de Braga.* — *Vida d'uma veneravel matrona.*

F. CASTIÇO.

MEDITAÇÕES.

IV.

RELIGIÃO.

Religião! tu és o balsamo salutar de todas as feridas; és o porto de salvação aonde o homem vai abrigar-se dos infortunios d'este mundo.

E' de ti que o homem tira conforto para supportar a desgraça; é no teu seio que encontra a consolação e a recompensa dos sacrificios da virtude, embora receba somente a ingratição dos seus similhantes.

Religião! Sem ti o mundo seria uma habitação de feras em continua luta a disputarem a sua preza.

Sem ti o cego seria conduzido ao precipicio, e o enfermo estorcer-hia no leito da dôr, sem ter quem procurasse dar-lhe o menor lenitivo aos seus soffrimentos; sem ti o orfão desvalido morreria ao desamparo, e o indigente imploraria em vão a charidade dos homens: elle não encontraria sequer um óbolo para matar-lhe a fome.

Sem ti o naufrago, debatendo-se entre as ondas do oceano, pediria debilmente soccorro: os seus gritos receberiam somente em resposta o riso da indifferença:

A fraqueza seria insultada; e as cans do velho, escarnecidas.

A força exerceria seu imperio absoluto, e a virtude seria modelada por ella.

Não haveria conforto para supportar os reveses, e o suicidio seria o unico remedio na desgraça, a esperança no infortunio, a consolação na desventura!

Tal seria o quadro lastimoso que nos apresentaria o mundo sem a religião; mas o mundo não podia existir assim.

Só em ti é que elle encontra o seu amparo; por que és tu quem faz supportar o infortunio ao desgraçado, e ser humilde ao opulento; és a causa de todos esses heroismos d'abnegação e de virtude.

A sociedade deixaria d'existir, se tu não fôras: a sua dissolução seria inevitavel.

Arvorai hoje no meio da sociedade humana o estandarte do atheismo; amanhã elle se dissolverá.

Voltaire, o proprio Voltaire, reconheceu esta verdade quando disse — que seria preferivel ao mundo estar de baixo do dominio d'esses seres informes que se nos pintam continuamente encarnicados contra as suas victimas, de que debaixo d'um governo d'atheus. »

E' assim que a religião é indispensavel para a manutenção das sociedades; por que é ella que vem dizer aos homens que se amem uns aos outros, que se socorram mutuamente nas suas necessidades, é ella que vem insinuar-lhes principios de submissão e d'obediencia.

E' por isso que vós outros a quem a Pro-

videncia collocou na alta posição de reger as sociedades, deveis exforçar-vos por sementar no coração dos povos o amor da religião, sem o que todos os exforços serão baldados, para conseguir d'elles a obediencia.

Se quereis obstar á perpetração dos crimes, fazei triumphar o imperio da religião; porque do contrario todas as vossas leis de nada servirão, quando legislar-des para um povo d'atheus.

Ainda mesmo que ellas fossem escriptas com sangue que como as de Dracon, não teriam melhor resultado que as d'aquelle legislador.

As leis humanas, por si só não podem conter o homem no caminho do dever; porque infelizmente o homem pode illudil-as, e muitas veses, escarnecel-as.

E' só o temor de Deus, o receio da justiça divina, a cujo tribunal se não subtrahem os proprios pensamentos, que pode operar esta maravilha,

Sem isso as leis humanas seriam impotentess para tornar um povo virtuoso e obediente; e como o não seriam, se esse povo não temia a Deus, não respeitava a Divindade, a fonte de toda a virtude, o principio de toda a obediencia.

As leis humanas pois, para que possam conseguir o seu fim, precisam d'um outro apoio d'um outro sustentaculo.

Os mais antigos legisladores reconheceram esta verdade, quando procuraram fundar a sua legislação sobre uma base solida, tirada da religião quando procuraram firmal-a sobre um principio tanto mais forte, quanto elle era mais alheio aos homens.

Lycurgo, por exemplo, foi buscar para suas leis a approvação do oraculo de Delphos.

Solon quiz que os Athenienses jurassem, que observariam durante cem annos a sua legislação.

Numa, que queria adoçar a ferocidade dos costumes romanos, sahia fora dos muros de Roma, entrava num bosque vizinho, e passado algum tempo voltava, segundo elle dizia, de ter conversado com a nympha Egeria, que lhe dava conselhos, pelos quaes eram modeladas as leis que depois promulgava.

Zoroastro, o celebre autor do magismo, fingia receber inspirações de Vesta; Minos subia ao monte Admeto a onde ia conversar com Jupiter; e o auctor do Coran dizia-se inspirado pelo anjo S. Gabriel.

E' que estes homens viam que as leis humanas por si só eram fracas e insufficientes, e que ellas precisavam d'um outro principio mais forte em que se apoiassem.

A historia diz-nos tambem, que as leis eram summamente respeitadas no Egypto; por que; em virtude da theocracia, ainda que humanas, ellas eram olhadas como partindo d'uma fonte divina: e Epimenides se conseguiu em Athenas restabelecer o socego, compromet-

tido pela severidade das leis de Dracon, foi porque os Atheienses acreditavam que elle entretinha relações com os Deuses.

Se a religião pois, é o sustentaculo indispensavel de todas as sociedades, o jugo mais suave que contem os povos no eaminho da virtude e da obediencia, ella deve ser, por consequencia, o principal cuidado de todos os governos.

Mas qual será a religião que pode melhor operar este prodigio?

Será a de Brahmá, que diz que a verdade só deve dizer-se aos brahmines, e que ordena á mulher que se suicide sobre o tumulo de seu marido? .. Será a de Zoroastro, que innundara outr'ora em sangue toda a Persia? .. será o Paganismo, que consentia na escravidão dos homens, e que lançava infelizes ás feras, para divertir uma multidão, agglomerada nas galerias d'um amphitheatro? .. o Islamismo, que com a espada n'uma mão e na outra o Coran, estabelecendo como principio dogmatico « a crença ou a morte » não sabia fazer se não crentes ou martyres? .. será, finalmente, a Reforma, cujas terriveis consequencias foram bem experimentadas por quazi toda a Allemanha, por parte dos departamentos de França, e pela velha Inglaterra depois do reinado infeliz d'Henrique 8.º?

Não.

A religião que pela santidade das suas doutrinas, pela pureza da sua moral, é o firme apoio das sociedades, aquella que ensina aos povos sómente o caminho da virtude, do mutuo amor, e da obediencia, é sem duvida alguma, a religião do calvario, — a religião por excellencia. É ella que vem dizer aos homens que se amem uns aos outros, que se socorram mutuamente nas suas necessidades; por que a charidade é a maior de todas as virtudes: é ella, cujo Auctor foi o maior exemplo de humildade e obediencia, que vem ensinar aos homens a serem humildes e obedientes; porque o humilde será exaltado, e o soberbo, abatido: é elle, em fim, que vem proclamar a fraternidade humana: porque grandes e pequenos, reis e vassallos, ricos e pobres, fracos e poderosos, todos são irmãos, porque todos são filhos de Deus! ..

Salve, pois, religião sancta do Christo, que sahiste da mente do Altissimo unicamente para fazer a felicidade dos homens.

A minha alma sente-se transportada de reconhecimento e d'admiração ao meditar na grandeza das tuas doutrinas, na pureza da tua moral, e na sublimidade dos teus mysterios!

Tu, e só tu és a religião verdadeira e não haverá quem possa disputar-te triumpho, nem roubar-te o culto que ha de necessariamente tributar-te todos aquelles que souberem comprehender-te.

João Joaquim d' Almeida Braga.

(Continuado do n.º antecedente.)

Que muito que se demora esta gente? (diz o conde d'Harqueville, dando signaes d'im paciencia.)

De certo (respondeu o capitão.) Não ouviriam elles a campainha? talvez que fossem dar um passeio pelo parque: parece-me, que se me figurou ha um momento entrever o snr. procurador do rei, e se me não engano, o seu rosto não denunciava muito bom humor.

Sim, sim (diz o conde sorrindo) o meu amigo Felix, e Mr. Edmund Humblot, nem por isso fazem boa parrelha.

Não, por Deus! ... Todo o meu desejo é que Felix não caia nas garras do snr. procurador do rei.

Ora, ora. (replicou o conde.) Nós os reconciliaremos. . . . e d'isso me encarrego eu. O vinho de Champanhe faz milagres, e quando se almoça com bons amigos só os copos é que podem chocar-se.

O Cantabro e o conde d'Harqueville acabavam de dirigir seus passos para a sala, onde se achava servido o esplendido almoço, e os criados, semetricamente dispostos, esperavam pelos convivas.

Apenas havia resoado pela segunda vez o toque da campainha, chegaram os convidados.

Eram sete ou oito, e todos vestidos em traje de caça. A maior parte mostravam semelhante alegre e bondoso, o que muito se conformava com o perfume dos manjares, e da vista do respeitavel batalhão de garrafas collocadas em ordem sobre os aparadores.

Mr. Corbiau, recebedor da admiuistração, abria a marcha com garbo triumphante e verdadeiramente digno d'um *tambor mór*. Era homem pequeno e gordo, de faces coradas como a camoesa: os collarinhos da camisa, tesos ponteagudos e gigantescos, chegavam a tocalle as orelhas. O traje era de caçador; porem este vestido fazia-lhe sobresahir muito mais a pansuda barriga, assemelhando-o a um d'aquelles Satyros fabulosos, de ventre enorme, e com pernas delgadas e pequenas em redor das quaes se envolviam largos botins.

Em seguida de Mr. Corbiau, vinha o procurador do rei de braço dado com Mr. Loustier, juiz inquiridor.

Este ultimo, pequeno em corpo, era delgado e musculoso, e nos labios entre-abertos para um doce sorrir, mostrava certa expressão de bondade, que prevenia em seu favor desde o primeiro momento: os olhos tinha-os pequenos e redondos, e parecendo, pela forma e pela dimensão, abertos com uma verruma, lançavam de quando'em quando olhares vivos e maliciosos, cheios de causticidade.

Emquanto ao procurador do rei, era de figura alta, musculosa e pallida, sem pello de barba, e cabello mui claro d'um rubio quasi branco: seus olhos eram ternos e azulados, apenas com algumas pestanas em roda das palpebras irritadas, e as sobrancelhas, demasiado pobres, se encobriam, como sombra pouco marcada, e vinham a perder-se no circulo negro e concavo que se estendia debaixo da palpebra inferior. Era estreito dos hombros, e tinha a espadua levemente encovada, revelando uma constituição debil e quebrantada pelo estudo e pelas vigílias.

Sem duvida, Edmund Humbot, não, tinha mais de 30 annos.

Felix de Villemont se conservava a alguma distancia, só e pensativo.

Este joven diplomata apresentava na sua figura, admiravel attractivo, a que se não resiste; era de mediana estatura, muito bem proporcionado, e todas essas formas revelavam n'elle homem do mundo e de boa sociedade. Nas feições notava-se-lhe uma regularidade extraordinaria: uma placidez do rosto, que lhe não era habitual, davam naquella occasião á sua phisionomia certa expressão melancolica e profunda, que tornava mais notavel o seu humor jovial, entre o prosaico das outras pessoas, que o rodeavam. Vamos brincalhões, vamos (diz o conde)

Que diabo! já devíamos estar na batida... De todos os lados se deixam escutar voses de — viva! viva! Recobremos o tempo perdido.

Os convidados entraram na sala, onde estava servido o almoço.

IV.

Sentai-vos meus amigos, — diz o conde e com bom appetite. Vamos, haja alegria! Estamos como em familia... todos homens, todos rapazes!

A vista de Edmund Humbot se fixou n'aquelle sitio, que devia occupar madame d'Harqueville.

E a senhora condessa? — perguntou elle com certo enleio.

Amargurada, meu querido amigo — respondeu o conde — Por isso que nos não pode acompanhar; mas supplicou-me que apresentasse suas escusas a tão respeitavel companhia; minha esposa acha-se doente!

Meu Deus! que desgraça! — diz Edmund Humbot, meneando a cabeça com ar de tristeza e desgosto. Nossa partida de caça principia debaixo de maus auspicios.

Ah! Ah! Ah! — diz o conde — nada de lamentações, nem de elegias! Tudo vai andar perfeitamente.

Porem espero que a senhora condessa não estará mais que levemente indisposta — replicou o recebedor da administração — com voz mi-

lissua e fraustrada, que ninguem poderia crer sahida de tão volumoso ventre.

Não é nada — contestou o conde — ésó uma pequena enxaquca. Bem sabeis que as mulheres do nosso tempo são nervosas ou hystericas; e fallando-vos com franqueza, o que molesta a condessa é o ruido dos copos, dos gritos e das canções... Quero conceder que tenha com effeito alguma dor de cabeça, porem ja vèdes, é uma apreensão, um simples capricho.

Os caprichos — diz sentimentalmente o juiz investigador — assentam admiravelmente nas mulheres formosas.

Não é tanto assim! tornou o conde — mas isso é igual. Toca a almoçar, e alegremo-nos.

Durante as interlocuções dos convidados relativas á condessa, Felix e Humbot se haviam olhado rapidamente, e nesse olhar com que se divisavam alguns relampagos d'odio e aborrecimento.

Todos os convivas estavam já sentados: os copos chocavam-se com estrepito, e o Champagne circulava por todos os lados, excitando os equivocos e frases agudas.

O recebedor da administração que se vangloriava de trinchar por excellencia quiz encarregar-se do perú de recheio, e o camareiro-mór cruelmente ferido no seu amor proprio d'artista, lançava ao passudo e jovial recebedor um olhar cheio de animosidade.

Porem, o bom de Mr. Corbiau, que de nada dera fé, apoderou-se do perú, e arregaçando as mangas da casaca até os cotovelos, pegou na faca e no trinchante d'um modo magistral e triumphador.

As primeiras incisões foram executadas com felicidade; mas por desgraça apoiando com demasiada força o trinchante sobre o volátil, Mr. Corbiau imprimiu tal abalo no succulento animal, que fazendo-o saltar, cahiu sobre a toalha da mesa, espalhando assim em redor os seus t hescuros de odorífico picado.

Uma gargalhada imtensa e humerica rompeu de toda a sala; e até os eriaados se violentavam para conter o seu terrivel acceso de hilaridade. O camareiro-mór cerrou os punhos e franzindo o sobre-olho, deixou escapar uma inventiva surda e ameaçadora.

Ah! — disse Loustier depois d'uma enorme risada. Está visto, meu caro recebedor: tratando-se de trinchar não valeis de nada. Pobre animal! Fallo do volátil.

E todos os convidados começaram de novo a rir-se.

Mr. Corbiau immovel, estúpido e aniquilado com a faca na dextra e o trinchante na esquerda, qualquer pessoa ao vê-lo n'esta attitudde estranha e esculptural poderia tomal'o pela estatua d'um comilão burlado, ou n'ellhor ainda por um moderno *Tantalo* grotesco e degenerado, que vê fugir para longe da boca cheia de avidéz, um manjar succulento e delicioso.

Meu querido Mr. Corbiau! — diz o conde com um ar de commiseracão um pouco zombeteira.

Por fortuna este perú não é o vosso cofre, nem o recheio são luises d'ouro.

A desgraça do infeliz gastronomo foi de prompto reparada: o perú se dividiu em pi- quenos traços pelo trinchador do camareiro- mór. O Champanhe enchia a cada instante os côpos: as rolhas saltavam com força imitando o tiro d'uma pequena pistola, e as cabeças dos convidados principiavam a animar-se d'um mo- do terrivel.

O capitão Cantabro tornava-se alternada- mente ora roxo, ora carmesi; já purpureo, já cor de violeta. Scintillavam-lhe os olhos, e causava maravilha o ver com que prodigiosa facilidade elle absorvia os côpos de vinbo tinto, branco e amarello, que lhe apresentavam uns atraz dos outros.

A' saude do snr. conde! — gritou elle: mas apertou entre os dedos nervosos os lados do côpo com tanta força, que o cristal que- brando-se em mil pedaços, lhe fez saltar o vinho á cara cobrindo-a de liquidos robis.

Uma gargalhada rompeu de todos os con- vivas em diferentes entoações, e segundo a nota habitual da voz de cada um.

A' saude da senhora condessa! — exclamou Loustier, levantando seu côpo d'um modo provocante.

Este brinde foi repetido por todos com aclamações de jubilo e enthusiasmo.

Agradece-vos, snrs., agradece-vos em no- me de madame d'Harqueville — disse o conde levando o côpo aos labios — Agora meus ami- gos, um brinde á saude de vós todos A' vossa felicidade! e á verificacão de vossos projectos. Ouviu-se o choque de todos os côpos em redor da mesa.

Ouvís, Mr. de Villemont? — disse o pro- curador do rei — O sur. conde brinda vossos triumphos. . . .

E eu bebo em pró dos vossos — respondeu Felix no mesmo tom.

Agradeço-vos snr. secretario da embaixa- da.

Estou ás vossas ordens, snr. procurador do rei.

E eu ás vossas — respondeu Humblot com um accento muito significativo.

Esta interlocuçao viva e rapida não havia sido notada pelos de mais convidados, e ficara sepullada com o ruido dos côpos e dos brindes.

Os dois interlocutores, sentados ao lado um do outro se olhavam com desconfiança e rancor.

Celestino Seixas.

CESAR.

Orgulhosa, altiva Roma,
O teu orgulho acabou;
Já Cesar as Gallias doma,
E o teu jugo decretou:
Se escravos fizeste outr'ora,
Escrava serás agora,
Que lá vem o teu senhor,
Que tendo vencido a Gallia,
Vai nos campos da Pharsalia,
Ser tambem o vencedor.

As antigas liberdades
Que já teve o povo — rei
Nunca mais serão verdades
Apoiadas sobre a lei,
D'ora avante o consulado,
Os decretos do senado
Deixarão de ter valor;
Nem agora como d'antes
Os tribunos arrogantes
Hão-de mais causar terror.

O poder dos inimigos
Se te não pôde vencer,
A ambição dos teus amigos
Pôde-te, Roma, perder;
Se n'aquella grande guerra
Carthago cahio por terra
Aos golpes de Scipião
Naõ era um filho que vinha
Onde elle nascido tinha
Arvorar a escravidão

Sylla e Mario, dous tyranos,
Cravaram-te o seu punhal,
Quando á custa dos romanos
Um do outro foi rival;
Do teu sangue bebeu Cinna;
Depois, quando Catilina
Quiz-te a cinzas reduzir,
Pôde ainda a voz do heroismo
Gritar-te á borda do abysmo:
Detem-te!.. que vais cahir!

Mas agora não é dado
Valer-te quem te valeu,
Nem o primaz do senado,
Nem os brios de Pompeu.
Agora, em troca da esp'rança
Fica-te só a lembrança
D'aquillo que já não és;
Que n'essa luta renhida
A esp'rança vai ser perdida
De Pharsalia no reyez!

Os esforços combinados
Do teu nobre campeão
Agora serão baldados
Na guerra tentada em vão:
Olha... tu não vês o invicto,
Que volta d'alem do Egypto
De vencer quem elle quiz?...
Que te resta pois agora?...
Lembranças não ter d'outr'ora,
Curvar ao jugo a cerviz!!.

Mas se foste escravisada,
O' Roma, para teu mal
Descança, serás vingada
Pela ponta do punhal;
Livre, não; nunca mais livre:
Os muros que banha o Tybre
Hão-de ter sempre um senhor,
Se Bruto pôde vingar-te,
O poder de libertarte
Não cabe no seu valer... ..

Tambem tu com tyrannia
Impuzes-te ao mundo leis,
Aos reinos dando um só dia,
Em 'scravos tornando os reis!!
Rainha do mundo embora,
De teu proprio filho agora
Serás escrava tambem... ..
S'crava sim... que d'ora avante
A lei suprema, constante,
E' Cesar e mais ninguem... ..

JOÃO JOAQUIM DE ALMEIDA BRAGA

MAXIMAS DO SNR. CONSELHEIRO BASTOS.

Se a vingança deleita projectada, atormenta executada.

Quem se não vinga, é regularmente o mais bem vingado.

O prazer que se tira da vingança, dura apenas um instante: a satisfação, que nasce da clemencia, não acaba nunca.

A vingança no vencedor, é uma infame cobardia.

CHARADA.

Embora torpe aváro assim pratica,
Para thesouros mil accumular;
Que de nada lhe valem montes d'ouro
Para da morte a vida resgatar.

Cança muito o laxrador
No tempo das sementeiras:
Tambem o não cança menos
Se traz os fructos n s eiras..

Quando, no sacrificio de Iphigenia,
Um eximio pintor quiz retratar-me,
D'Agamemnon cobriu a regia fronte,
Por já côres não ter para expressar-me.

E' um grande soffrimento,
E' um insoffrivel mal;
Quer no phisico nos fira,
Quer nos fira no mural!

CONCREITO.

Um Rico Homem fui, fui cavalleiro
De Dom Affonso Henriques parcial,
E por Elle (já Rei de Portugal)
Tantas e tantas vezes combatí,
Que farto de vencer, assim morrí!..
E fôram feitos taes, os que fizeram
Este appellido dar-me, que me deram.

A. P. d'Alaujo.

ERRATAS DO N.º ANTECEDENTE.

Na pag. 5., lin. 1, aonde se lê — no crime — deve lêr-se — ao crime — e na lin. 42, aonde se lê — não sente remorsos — deve continuar a lêr-se — Sem a eternidade, pois, não poderiam haver remorsos — e depois — Mas o remorso existe: ect.

EXPEDIENTE.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15 de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 — com estampilhas 1080. Por semestre 480 — com estampilhas 540. — Trimestre 240 — com estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Assigna-se — No Porto em casa do illm.º snr. Apparcio Augusto da Cunha Sampayo, rua das Flores.

Em Vallença na casa do illm.º snr. Antonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova n.º 21.

Em Villa do Conde na casa do illm.º snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento.

N'estas mesmas differentes casas se pagam as assignaturas, para as quaes lhes remetemos os competentes recibos.

Em outras muitas terras do reino procuramos obter o favor que os cavalheiros d'aquellas nos fazem, o que muito agradeceremos. E logo que assim aconteça fal o-bemos constar